

Este artigo traz anotações de uma pesquisa em andamento que investiga a constituição de um círculo intelectual articulado por mulheres, no Brasil, na primeira metade do séc. XIX, empenhadas na produção e na transmissão de conhecimentos, privilegiando um público-alvo feminino. O planejamento e os desdobramentos da pesquisa sobre o tema exposto têm como ponto de partida a obra “Zaira Americana mostra as imensas vantagens que a sociedade inteira obtém da ilustração, virtudes e perfeita educação da mulher como mãe, e esposa do homem”, de Maria Benedita de Oliveira Barbosa¹, publicada em 1853, onde podemos identificar e interpretar evidências da formação de um círculo intelectual feminino e da presença de um público de leitoras.

Essas considerações começam a ser elaboradas a partir da constatação de várias passagens do livro onde a autora, estrategicamente, investe em recursos para reiterar a existência de um coletivo de mulheres atuando na intelectualidade, ora fazendo menção a um repertório de escritoras e outras senhoras que foram reconhecidas pelo produto de seus pensamentos; ora estabelecendo interlocução com o público feminino, sobretudo. A referência a essa articulação entre mulheres na constituição de um círculo intelectual (com compromisso de elaborar interpretações e diálogos com a sociedade) pode ser identificada, por exemplo, na segunda parte do livro, na seção que recebe o nome de “Introdução”, quando a autora se apresenta para a eventual leitora do livro, fazendo menção ao estilo mais refinado de outras escritoras:

Eu, pobríssima em talentos, não tendo paciência alguma para estudar o modo, o estylo pomposo das verdadeiras escriptoras, não conhecendo a arte em nada, e deixando-me somente guiar pela vivacidade de meu gênio Americano e pelos impulsos da minha natureza, o que poderei escrever, que seja digno de ser collocado na menor pagina de um livro, para ser lido pela menos illustrada das minhas Leitoras? (BARBOSA, 1853, p. 23)

Além dessa observação, intriga o raciocínio quando se percebem confluências se formando entre resultados obtidos nas investigações sobre o trabalho intelectual de mulheres no séc. XIX. É o caso da coincidência do

¹ Nome informado na ficha catalográfica do acervo da Biblioteca Nacional. Todavia, não há em nenhuma parte do livro registro do referido nome, nem mesmo a inscrição de iniciais que nos remetam ao nome em questão.

encontro de duas escritoras argentinas, naturalizadas como brasileiras, escrevendo no Rio de Janeiro, na década de 1850, e privilegiando em seus textos a interlocução com outras mulheres: uma é a autora mencionada anteriormente, Maria Benedita Barbosa, cuja obra (objeto de investigação nesta pesquisa) discorre acerca da importância da educação para mulheres; outra é Juana Paula Manso de Noronha, que marcou seu nome na imprensa brasileira como a primeira mulher na direção do primeiro periódico voltado para o público feminino, “Jornal das Senhoras”, que circulou de 1852 a 1855.

Na continuidade com as investigações, outra descoberta mostrou potente articulação com a escrita das duas autoras argentinas supracitadas, o que intriga ainda mais o raciocínio: trata-se da obra catalogada no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), em cujo conteúdo destacam-se cartas escritas por “uma Senhora Americana, que se não dignou de declarar ao Público o seu nome” (CARVALHO, 1851, p.6). A obra em questão é uma publicação de 1851, em Lisboa, resultado da tradução feita por Francisco Freire de Carvalho de um livro escrito em espanhol, encontrado na estante de uma livraria no Rio de Janeiro. O livro originalmente escrito em espanhol continha as cartas redigidas em 1824, por uma senhora argentina que também versava sobre a importância da educação para as mulheres. No catálogo do acervo da BNP, disponível na página digital da instituição², o livro aparece com o título de: “Cartas Sobre a Educação do Bello-sexo / Compostas no Idioma Hespanhol por uma Senhora Americana; E Delle Vertidas para o Portuguez por Francisco Freire de Carvalho... : Publicadas no Original em Londres no Anno de 1824...”.

As semelhanças, porém, não se limitam à nacionalidade da autora e ao tema da publicação. Nas “Cartas sobre a educação do bello-sexo, escriptas por uma Senhora Americana” constata-se o mesmo movimento de resgatar e afirmar um repertório de intelectuais mulheres, tal qual já apontado no texto de Maria Benedita de Oliveira Barbosa (escritora igualmente de nacionalidade argentina e que também não revelou seu nome na obra publicada, gerando muitas implicações para esta investigação que se desenvolve). A seguir, um trecho do prefácio que acompanha as “Cartas sobre a educação do bello-sexo”

² <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/1968073>

ajuda a perceber melhor as semelhanças que estão sendo consideradas na elaboração e abordagem do tema e na interlocução privilegiada com mulheres:

(...) far-lhes-hei ver, que as prendas, de que a Natureza tem dotado o nosso sexo, o fazem digno e capaz daquelles gôzos intellectuaes, que podem ser considerados como os mais preciosos benefícios, concedidos pela Providencia á Especie Humana : apresenlar-lhes-hei o catalogo das mulheres , que hoje em dia se distinguem na cultura das Sciencias , das Bellas-Lelras, e das Artes; (CARVALHO, 1851, p.20)

Durante as investigações desencadeadas a partir da leitura da obra de Maria Benedita de Oliveira Barbosa (nome que ficou encoberto pelo pseudônimo “Zaira Americana”), nota-se uma coincidência ao ler os resultados das buscas em diferentes acervos e tomar conhecimento dessas três autoras argentinas contemporâneas, com afinidades de pensamentos. A coincidência, na verdade, refere-se ao fato de que a descoberta de cada autora mencionada anteriormente acontece em momentos distintos, sem que a descoberta de uma estivesse diretamente vinculada às outras. Todavia, convém aqui problematizar a incidência de três escritoras argentinas decididamente interessadas em produzir conteúdos direcionados ao público feminino e empenhadas em dar particular destaque a um elenco de mulheres apreciadas pelo trabalho intelectual, tal qual podemos conferir na proposta de interlocução apresentada por “uma Senhora Argentina”, na citação acima.

Essas anotações nos concedem a liberdade de elucubrações a respeito das condições que tornam viável a produção e a circulação do trabalho intelectual de mulheres, em meados do séc. XIX, nos países mais ao sul da América, em especial a Argentina. O interesse nessa questão deve-se ao fato de que instiga o pensamento saber da autoria de mulheres num contexto considerado hostil à sua expressão no espaço público, sem direitos políticos nem garantia à educação. O estranhamento acontece porque, no imaginário patriarcal do séc. XIX, o corpo da mulher não é reconhecido como produtor de conhecimentos.

Fatalmente, em decorrência desse modo de ver, o cânone literário-artístico-científico do séc. XIX não privilegiou as produções assinadas por mulheres, diminuídas à condição de trabalho amador, meramente decorativo, precipitado, fruto da “fértil imaginação”... A visão patriarcal reducionista tenta limitar o corpo feminino ao trabalho da reprodução para endossar o sacrifício de mulheres à reclusão da vida doméstica, servas do ego masculino, tal como

nos esclarece a pesquisadora Rebecca Solnit em suas reflexões sobre as histórias de silenciamento de mulheres (SOLNIT, 2017, p.10).

Tendo em vista as ponderações acima, é importante esclarecer que esta pesquisa tem interesse em identificar e analisar, apoiando-se no arcabouço teórico-metodológico dos Estudos Culturais e dos Estudos Decoloniais, as estruturas de silenciamento operadas a partir da categoria de gênero. Convém enriquecer essa reflexão com os apontamentos de Hollanda (2007) ao nos lembrar de que todas as vezes que se desenvolvem pesquisas sobre histórias de mulheres na sociedade, escreve-se também a história da “emergência de elaborados sistemas de censura”, da criação de “monopólios licenciados pelo Estado” (HOLLANDA, 2007, p.197).

A visão patriarcal reducionista que garantiu as patentes de privilégio sobre o monopólio do discurso, não só interferiu na produção do trabalho intelectual de mulheres, como também promoveu tentativas de apagamento dessa produção. É indispensável ponderarmos acerca do impacto causado com a elaboração de um discurso que garantia práticas de subalternização e subcategorização nas hierarquias sociais, deslegitimando e desencorajando a produção intelectual de mulheres.

Esse debate pode ser acompanhado no livro “Zaira Americana”, marcado por relatos da experiência de uma mulher que protagonizou a atividades da escrita na sociedade brasileira do séc. XIX. A leitura das páginas escritas por Maria Benedita nos instiga a pensar as manobras arriscadas por mulheres escritoras para se esquivarem das interdições impostas pelas ortodoxias do patriarcado. O trecho a seguir serve de exemplo e ponto de articulação entre essas reflexões:

Bem que ha dous dias, recebi uma carta de uma alta personagem que além de seus immensos talentos e virtudes, tem uma graça infinita e muito mais quando seja o bello sexo o alvo de seus sarcasmos e zombarias! n'essa carta o tal Senhor engraçado, satyrico.... e tanto como o foi Mr. Boilleau, o cáustico da França, me disse entre mil cousas bellas esta que vou aqui transmitir:— Minha Senhora, permita-me que eu lhe diga que a illustração é alimento muito forte para o estômago da mulher! e esta deverá sempre saber só criar seus filhos. Muito bem, Senhor moralista! (BARBOSA, 1853, p.155)

Tendo como propósito defender a instrução intelectual da mulher, no livro aparecem em evidência as impressões de mundo e o posicionamento da autora em relação às condições da mulher na sociedade latino americana do

séc. XIX. Isso pode ser acompanhado tanto nas passagens em que a autora deixa transparecer suas estratégias de deslocamentos pela linguagem para desviar de interdições, quanto nas anotações que registram reações hostis à sua produção.

Como consequência, as pesquisas sobre a produção intelectual de mulheres no séc. XIX são impactadas pela dificuldade não só de encontrarmos referências a trabalhos de autoria feminina; sobretudo, há uma grande dificuldade para preenchermos as lacunas existentes sobre o processo de produção e de transmissão desses trabalhos. Por serem inferiorizados e desprestigiados, só por terem assinaturas de mulheres, podemos presumir que muitos trabalhos deixaram de ser devidamente anotados, registrados ou catalogados. Essas reflexões têm como ponto de partida o relato da autora ao final do livro “Zaira Americana” (era assim que os jornais da época faziam menção à obra), numa seção cujo título já antecipa o tom de denuncia descaso com o trabalho de edição conferido a um livro de autoria feminina: “Protesto da Authora contra todos e até o menor dos erros, Imperfeições, repetições de phrazes, extropiamento de Nomes, Typos, mal collocados, etc. etc.”(BARBOSA, 1853, p.307).

Após breves comentários sobre os desafios para escrever o livro, é flagrante o senso criterioso e apurado da autora do livro, o que dá prova não só de sua autoria do texto quanto de sua autoridade sobre o assunto. Ao final, a autora (cujo nome não aparece escrito em página alguma do livro, gerando uma série de indagações que movimentaram a pesquisa) mostra ao leitor como a condição de mulher na sociedade da época interfere na qualidade da publicação do seu livro:

Os litteratos são homens cheios de acção, de vontade firme, elles vão a uma Typographia, vêm, e lêem, examinam os trabalhos de suas obras, fazendo-se obedecer. Mas acontece isso por ventura com uma Senhora, que não pôde sahir dos seus appozentos, que nada vê, nada pôde examinar, e de nada sabe senão depois que está tudo perdido ?! essa que não tem acção nem vontade livre para nada! Eis aqui o que me tem acontecido confiante e generosa em meu procedimento. (BARBOSA, 1853, pp. 308-309)

Na leitura desse trecho, transcrito das últimas páginas, reforça o posicionamento da autora que ao longo do livro problematiza a condição da mulher e mostra que o direito de falar, de ter credibilidade, de ser ouvido na sociedade é um patrimônio do patriarcado, perpetrado por estratégias de

silenciamentos. Chama atenção a maneira como a autora, que se identifica no livro apenas com o nome “Zaira Americana”, aciona na época uma reflexão crítica a respeito do gerenciamento das formas de sociabilidades que demarcam limites e instauram o silenciamento de mulheres.

O protesto da autora contra a indolência que produziu imperfeições na edição de seu livro deixa mais consistente o pensamento de que o desprestígio em relação aos trabalhos autorais assinados por mulheres deixou também grandes lacunas na história da composição e da transmissão de trabalhos de autoria feminina. Muitos trabalhos assinados por mulheres podem ter caído no esquecimento por serem julgados de imaturos ou incautos, diminuídos quando comparados com trabalhos cujos autores eram homens, com possibilidade de acesso à educação e aos espaços de circulação de conhecimentos.

Ainda hoje, existe uma tendência em justificar o desinteresse e apatia nos estudos sobre mulheres que praticavam a escrita no séc. XIX, alegando que o estilo ou o tema tratado nas suas obras não despertam grande interesse de leitura. Muitos desses trabalhos que foram desacreditados aparecem classificados em subcategorias, sob o rótulo de escrita amadora, anotações despretensiosas, registros do cotidiano, narrativas estigmatizadas com o mito da feminilidade passiva. Contudo, levando em conta as interdições impostas ao corpo feminino e às suas expressões, no séc. XIX, o fato de mulheres exercerem a prática da escrita merece ser reconhecido como atitude de inconformidade e contestação contra o monopólio do patriarcado hostil à emancipação de seus corpos e de seus pensamentos.

Em resposta a essa opressão do monopólio patriarcal sobre o ofício da escrita, nota-se o empenho de mulheres em produzir presenças, como no caso das autoras citadas aqui, comprometidas em dizer e que pensam e, sobretudo, dar visibilidade a um elenco de mulheres reconhecidas pelo produto do seu intelecto. São mulheres que se fazem autoras de si mesmas, antes de qualquer coisa, rasurando um código social pautado na ideia de feminilidade passiva. Elas iluminam presenças: as delas mesmas e as de outras que não foram credenciadas no repertório dos intelectuais.

Consequências desse tratamento indiferente ao exercício da escrita feminina no séc. XIX ficaram evidentes durante as atividades de pesquisa realizadas em acervos de bibliotecas e arquivos públicos. As pesquisas

desencadeadas para tentar preencher as muitas lacunas referentes ao nome de Maria Benedita de Oliveira Barbosa (identidade que apareceu em alguns catálogos para o pseudônimo de Zaira Americana) revelou a fragmentação das informações e a falta de importância para com os registros da produção literária feminina do séc. XIX. Contata-se que as fontes primárias são poucas e de baixa conservação e organização, o que dificulta o trabalho de investigação. Porém, é bastante significativo o contraste entre os resultados obtidos nas buscas que tiveram como ponto de partida nomes de homens com algum grau de parentesco ou de proximidade com a escritora, cuja obra é objeto desse estudo. Foi mais fácil encontrar documentos e melhor organizados, todas as vezes que as buscas foram feitas a partir do nome do marido, José Thomaz de Oliveira Barbosa, ou de amigos mencionados nas páginas do livro.

Ajuda compreender melhor as considerações colocadas acima se esclarecermos que foi necessário programar visitas a bibliotecas e acervos históricos com o objetivo de apurar variações encontradas a respeito do nome da autora (que no livro articula intencionalmente um suspense sobre sua verdadeira identidade) e também para recuperar vestígios da trajetória de vida, na expectativa de encontrar qualquer informação que ajude a contar o processo de produção e de transmissão do livro em estudo.

Depois de muitas tentativas de busca sem sucesso sobre o nome de Maria Benedita de oliveira Barbosa, foram feitas buscas usando o nome do esposo, José Thomaz de Oliveira Barbosa, oficial do Exército do Império. A partir dessa estratégia de busca foram sendo descobertas novas informações, como uma variação no nome da autora, com o registro de Maria Faustina Rodrigues. Curiosamente, esse é o nome que consta em uma declaração de casamento emitida em 1856, encontrada no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. No setor de manuscritos do acervo da Biblioteca Nacional, também foram encontradas correspondências assinadas com o nome de Maria Faustina, tratando da venda e entrega de exemplares da obra. Mas, ainda não foi possível esclarecer como o nome Maria Benedita de Oliveira Barbosa aparece registrado no catálogo para identificar a autoria da obra em estudo.

Isso nos ajuda a compreender que as organizações dos arquivos reproduzem as formas de sociabilidades estabelecidas a partir das categorias de classe, raça e gênero. Confirma-se, então, que a organização dos acervos

e preservação dos documentos funciona como duplicação narcísica da elite patriarcal colonial. Quanto mais baixo na escala hierárquica que orientam as relações sociais, menos informações estarão disponibilizadas nos acervos das instituições de fabricação e preservação da memória.

Na busca por informações que contribuam para compreensão das condições de escrita, de publicação e de recepção da obra “Zaira Americana” (nome que aparecia nos jornais da época tanto para se referir à obra, quanto à autoria), o grande entrave para obter resultados tem sido a falta de anotações sobre o ofício de escritora e também as lacunas que aparecem ao tentar recontar sua biografia. A falta de informações contundentes sobre a obra e sua autora não deve passar a impressão falsa de se tratar de uma mulher reclusa ou de uma obra sem expressividade nos grupos de leitores das elites no Brasil. Quanto isso, pesquisas no acervo digital da Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital Brasileira, consultando periódicos que circularam entre o lançamento da obra em questão (1853) e a virada de 1900, mostraram que era uma obra conhecida no mercado livreiro e comentada em artigos sobre literaturas. O fato é que o ofício da escrita exercido por mulheres no séc.XIX não era reconhecido como uma atividade intelectual nem tinha importância. Diziam tratar-se de uma ocupação, um passatempo, de um fetiche... Assim, sem dar importância aos registros dessa experiência, consequentemente, documentos como cartas, recibos, originais encaminhados para publicação, podem ter se perdido.

Nesta pesquisa, acompanhar a repercussão na imprensa sobre um livro escrito por uma senhora para esclarecer as vantagens da educação na emancipação das mulheres, no séc. XIX, tem sido uma estratégia para conseguir pistas a respeito da história de transmissão da obra na sociedade. Foi o caso das buscas realizadas no acervo da base digital da Hemeroteca disponibilizada pela Biblioteca Nacional que renderam a descoberta de notas sobre o livro “Zaira Americana”, escritas em jornais de grande circulação na época, como o “Jornal do Comércio” (RJ). Muitos dos documentos encontrados neste jornal são comentários redigidos (sem identificação do autor) para divulgar a publicação da obra “Zaira Americana”, além de anúncios de livraria, listas de livros pertencentes a bibliotecas colocadas em leilão e outras menções ao conteúdo do livro. O resultado dessas buscas nos ajuda a perceber modos de divulgação e recepção da obra em estudo, levando em

consideração que investir no debate sobre educação da mulher para sua emancipação contrariava, impetuosamente, as ortodoxias preconizadas pela elite patriarcal aristocrata.

No âmbito dessas observações, investigar as condições de produção e de transmissão de uma obra pode contribuir com informações que também sirvam de referências para articular significados no texto e ampliar possibilidades de leitura, projetando as interpretações e as reflexões no horizonte teórico-metodológico da Crítica Textual. Essa expectativa move a pesquisa em desenvolvimento sobre o trabalho de uma escritora que, no Brasil do Segundo Império, fez parte de uma geração de mulheres pioneiras no mercado editorial e, mesmo assim, ficou esquecida na história de nossa literatura. O nome da autora Maria Benedita de Oliveira Barbosa (e de seu livro “Zaira Americana”) raramente aparece nos resultados de busca nos arquivos de documentos literários, tem poucos registros nos estudos da literatura do séc. XIX e, quase sempre, acompanham anotações abreviadas cheias de lacunas sobre sua obra e sua biografia. A constatação desse esquecimento nos círculos de leitura, bem como nas bases de pesquisa, acende a problemática sobre a produção de discursos que constituem e legitimam a aceção de memória literária, instituída sob a forma de um cânone.

Podemos dar encaminhamento à problemática da memória e do esquecimento por caminhos radicalmente distintos. Na leitura de Paul Ricœur sobre a tensão entre esquecimento e memória, apreende-se que, ao mesmo tempo em que a memória está a serviço da luta contra o esquecimento das experiências, ela também aparece a serviço de uma forma de apagamento deliberado por meio de uma seleção do que merece ser lembrado; trata-se do “esquecimento por apagamento dos rastros” (RICCOEUR, 2007, p.425). Na discussão levantada, a natureza desses rastros se constitui da materialidade do escrito que, conforme acentua as palavras do autor, “pode ser alterado fisicamente, apagado, destruído” (RICCOEUR, 2007, p.425).

Essa forma de apagamento dos rastros opera por meios de mecanismos variados, dentre os quais destacamos a produção de versões generalizantes, as narrativas estereotipadas que recebem a condição de autenticidade, os discursos de verdade reproduzidos automaticamente. O efeito traumático dos discursos generalizantes e simplificadores é que eles acionam como também

mantêm um sistema de ideias que, presumidamente, preenchem e articulam operações de fabricação de sentido para leitura do mundo. Tais discursos instalam o que podemos chamar de “armadilhas de leitura” que, na articulação de um conjunto de referências, limitado a uma perspectiva hegemônica, coloca em prática o silenciamento e apagamento das múltiplas formas de pensar.

Diante do que foi apresentado, é importante esclarecer que esta pesquisa é inspirada no trabalho de Maria Benedita que se posicionava contra a política do silenciamento e do apagamento da mulher na sociedade brasileira, construindo narrativas ao seu jeito que resgatam o protagonismo da mulher como sujeito intelectual e autônomo. Ao seu jeito, então, Maria Benedita investiu em manobras com a linguagem para desviar das interdições armadas contra a instrução intelectual da mulher. Fez da sua própria escrita um exercício de enfrentamento e de resistência contra a exclusão da participação da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Benedita de Oliveira. *Zaira Americana* mostra as imensas vantagens que a sociedade inteira obtem da illustração, virtudes e perfeita educação da mulher como mãe, e esposa do homem. [Rio de Janeiro] Typ. Dous de dezembro, 1853: [s.n.]. 311 p. illus.

Carvalho, Francisco Freire de. (trad.) *CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DO BELLO-SEXO / COMPOSTAS NO IDIOMA HESPAÑHOL POR UMA SENHORA AMERICANA ; E DELLE VERTIDAS PARA O PORTUGUEZ POR FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO... : PUBLICADAS NO ORIGINAL EM LONDRES NO ANNO DE 1824...* Lisboa : Typographia Rollandiana, 1851. Disponível em: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/1968073>

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Autoria, autorias”. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). *Teorias & políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 195-204.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ⁱ Doutor em Poética (UFRJ). Mestre em Semiologia (UFRJ). Especialização em Leitura e Produção de Textos (UFF).